

Maio de 68: um lance de utopia

WILSON COELHO PINTO*

Resumo

O objetivo do artigo em torno dos “50 anos de maio de 68” é propiciar uma reflexão sobre o momento político da época, tanto na perspectiva de um movimento suposta e historicamente revolucionário, quanto do aspecto de um processo catártico que, de certa forma, também em muito contribuiu com a manutenção da hegemonia do sistema capitalista ocidental. Obviamente, esta avaliação não neutraliza e nem diminui as iniciativas de uma juventude que tinha um ideal e perseguia uma utopia, levando em conta a mobilização de muitos grupos sociais contestando o autoritarismo dos governos ditadores, das guerras etc. Assim, “Um lance de utopia” é uma paráfrase ao poema de Mallarmé, “Um lance de dados jamais abolirá o acaso”, considerando “Maio de 68” como uma espécie de jogo em que apesar de ser considerado como um “princípio de incerteza”, também gozava da probabilidade, ou seja, mesmo no não saber qual dos lados do dado cairia, existia a certeza de que seria um dos seis que ele possui. Enfim, “Maio de 68” pode não ter sido um acidente de percurso e, muito pelo contrário, tudo estava, de alguma forma, previsto e sob controle das classes dominantes.

Palavras-chave: Juventude; revolução; romantismo; capitalismo; história.



* **WILSON COELHO PINTO** é poeta, dramaturgo e escritor com 16 livros publicados, é graduado em Filosofia e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo, Doutor pela Universidade Federal Fluminense e Auditor Real do Collège de Pataphysique de Paris.



Daniel Cohn-Bendit, estudante anarquista e líder esquerdista do movimento estudantil de 1968, durante um comício de 13 de maio de 1968, no auge do movimento estudantil, numa manifestação organizada pelos sindicatos de trabalhadores franceses CGT, CFDT, FO e o FEN chamando para uma greve geral.

Fonte: <https://www.gettyimages.com/detail/news-photo/daniel-cohn-bendit-an-anarchist-student-and-a-1968-student-news-photo/861937200#daniel-cohnbendit-an-anarchist-student-and-a-1968-student-movement-picture-id861937200>

Ao longo da história, principalmente agora, em 2018, quando se comemoram os “50 anos do maio de 1968”, o mundo ainda se desdobra em incontáveis tentativas de compreender esse fenômeno que sacudiu o mundo na segunda metade do século XX. Para muitos, principalmente a gente de esquerda e seus simpatizantes, “Maio de 68” na França, é visto como uma espécie de ato fundador da sociedade contemporânea. Mas, verdadeiramente, o que se passou em “Maio de 68” e quais foram os acontecimentos exatos e as suas consequências antropológicas, sociológicas e políticas? Parece que tudo começa em janeiro de 1968, quando o Ministro da Juventude, François Missoffe, vai ao campus de Nanterre para inaugurar a piscina e, de repente, é desafiado pelo ruivo judeu alemão e estudante de sociologia Daniel Cohn-Bendit quando diz: “Eu li seu *Livro branco* sobre a juventude.

Seiscentas páginas de besteiras! Não falas sobre problemas sexuais dos jovens.” No que responde o Ministro: “Se você tiver problemas desse tipo, aconselho-vos a mergulhar na piscina”. A partir daí, surge o polêmico Dany le Rouge que depois vem a ser o ícone maior e protagonista mais visível do lendário maio francês.

Confirmando essa ideia de “Maio de 68” entendido como ato fundador da sociedade contemporânea, na introdução de seu volume “1968: o ano que não terminou”, Zuenir Ventura nos informa que os muros de Paris já diziam “*Ce n'est qu'un début, continuons le combat!*”, ou seja, que era apenas o começo. Na França, o sociólogo Edgard Morin¹ referiu-se ao movimento como um “êxtase da História”, ao mesmo tempo em que anunciava que “Vão ser

¹ Citação de Zuenir Ventura, na Introdução de “1968: o ano que não terminou”, p. 17.

preciso anos e anos para se entender o que se passou.” Outro sociólogo francês, Raymond Aron², num primeiro momento, chamou de “demência coletiva” e, mais tarde quando entendeu as mudanças que houve na França, o classificou como “psicodrama coletivo”. Na Alemanha, o filósofo Jürgen Habermas³, mesmo depois tendo admitido a contribuição do movimento com toda a atualidade cultural, bem como a consciência ecológica e o individualismo tenha brotado daquela época, chamou esses jovens de “fascistas de esquerda”. Na Itália, o cineasta Pier Paolo Pasolini⁴, em razão de uma manifestação estudantil em Roma, no poema-manifesto intitulado “O PCI aos jovens”, publicado em junho de 1968, na Revista *L'Espresso*, num dos versos ele se refere aos jovens como “pequenos-burgueses filhinhos de papai e do poder” e, em outro, mandalhes um recado dizendo que “Odeio vocês quanto odeio seus pais.” Ainda na Itália, temos Umberto Eco⁵ que, ao referir-se ao “Maio de 68” ponderou que “Pode-se processá-lo, analisá-lo, condená-lo, mas não cancelá-lo como um fenômeno de loucura.” E, para corroborar e completar a advertência do escritor, semiólogo, linguista e bibliófilo italiano, Zuenir Ventura acrescenta que “pode-se exaltá-lo, romantizá-lo, contanto que não se tente sacralizá-lo como um momento de inspiração divina da História.”

Na França de 1968, a juventude representava mais de um terço da população francesa. Em 1954, havia 140.000 alunos do ensino universitário e, em 1968, são mais de 500.000, mas as universidades tinham suas regras

afrouxadas, ficaram superlotadas e o ensino se deteriorava, inclusive, a faculdade de Nanterre, desde que foi aberta em 1964, mudou em muito pouco suas estruturas, o que acabou produzindo uma insatisfação e uma revolta nos militantes da extrema-esquerda. O escritor e jornalista Jean Sévillia acredita que:

Estimulados pela oposição à guerra que os americanos faziam ao Vietnã, os grupos situados à esquerda do PCF se disputam uma geração politizada: antistalinistas excluídos da União dos estudantes comunistas, trotskistas, maoístas, espontaneístas, libertários, situacionistas. “O que caracteriza atualmente nossa vida pública, é que a França está entediada”, escreve Pierre Viansson-Ponte no *Le Monde*, de 15 de março, lançando um apelo ao “entusiasmo e à imaginação.” Eles vão surgir, essas características, mais de onde não se espera. (SÉVILLIA, 2018)

Também se faz importante salientar que, em 1968, tanto na França quanto em toda a Europa, a maioria dos jovens não tinha acesso às universidades, principalmente os filhos dos operários e dos camponeses. Obviamente que muitos desses jovens filhos de operários e camponeses também integraram o movimento, considerando que mesmo não fazendo parte dessa minoria privilegiada e suas ideias políticas não serem as mesmas, eles compartilhavam dos desejos dos universitários no que dizia respeito à mudança de comportamento.

O ano de 1968, em praticamente todo o mundo, desde o início de janeiro já fervilhava de acontecimentos políticos importantes. Aos 18 de janeiro, em Genebra, os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas assinam um tratado de não

² Idem, ibidem.

³ Idem, ibidem.

⁴ Idem, ibidem.

⁵ Idem, ibidem, p. 18.

proliferação de armas atômicas. Na Grécia, que vivia sob a chamada Ditadura dos Coronéis, Mikis Theodorakis, um dos mais importantes e populares compositores do país sai da prisão. A China vivia a Grande Revolução Cultural e Proletária que mobilizou mais de 20 milhões de jovens armados com o *Livro vermelho* do comandante Mao Tsé-Tung. O Vietnã resistia aos ataques de mais de 550 mil soldados americanos exterminando centenas de civis, sendo a maioria composta de velhos, mulheres e crianças. Na então Tchecoslováquia, Alexander Dubcek, na chamada Primavera de Praga, assume o governo e promove reformas políticas, sociais, econômicas e culturais, contrariando a então URSS e os partidários de Josef Stalin, considerando que sua proposta era a de criar um socialismo com “face humana”, propondo que todo membro do Partido Comunista deveria agir conforme sua própria consciência e não apenas de acordo com as orientações de Moscou. Na Alemanha, há uma conflagração dos movimentos estudantis e dos sindicatos se manifestando contra um projeto de lei que decretava um estado de emergência, principalmente, depois do atentado sofrido pelo líder estudantil Rudi Dutschke. Na Itália, os estudantes ocupavam a Universidade de Milão e, logo depois, a Universidade de Roma. Um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, e no mundo, o Prêmio Nobel da Paz, Martin Luther King, no auge de uma campanha de não violência e de amor ao próximo, é assassinado. Neste mesmo país, os jovens negros, aos gritos de “Black Power” (“Poder Negro”), através de diversos movimentos, em especial, os Panteras Negras, lutam por seus direitos desafiando a hegemonia da direita,

comandada pelos brancos. Em Cuba, Fidel Castro decreta que 1968 seria o Ano do Guerrilheiro Heroico, pelo fato de Che Guevara ter sido capturado aos 8 de outubro de 1967, no seu último combate na América Latina, no vale do Rio Yuro, na Bolívia, e assassinado no dia seguinte.

Convenhamos que existe uma ideia muito francesa de que o maio de 1968, obviamente, o da França, tenha influenciado todo o restante do mundo. Mas pode-se afirmar que o maio de 1968 se deu de uma maneira nos Estados Unidos, de outra no Brasil, de outra na França, de outra na ex-Tchecoslováquia e de outra na Alemanha. E por mais que possa parecer que o que havia por trás daquelas manifestações do maio de 1968, na França, eram questões únicas e que tinham ultrapassado fronteiras, na realidade, as rebeliões e protestos de muitos países não passavam de movimentos isolados, marcados por coincidências, interfaces, mesmo que tivessem pontos em comum e de contato. Mas, objetivamente, cada movimento brotou de suas próprias causas, nos seus respectivos contextos.

Por exemplo, faz-se necessário compreender que o contexto político na América Latina tinha outros motivos e era muito mais grave do que os que propiciaram a rebelião estudantil na França. Obviamente, o maio de 1968 na França teve algumas repercussões e abriram certas perspectivas nesses rincões, mas foram desdobramentos culturais que surtiram efeito *a posteriori*. Na América Latina, em especial, no Brasil, Argentina e Chile, mais que questões individuais, as guerras de libertação nacional tinham muita importância, incluindo a intervenção americana no Vietnã, além do impacto da revolução cubana de

1959. No que diz respeito ao Estado, para os americanos, desertar do Exército ou ser militante dos Panteras Negras era a mesma negação do Estado. Mas no Brasil, não se tratava de uma política contra o Estado, muito pelo contrário, era uma política contra os militares que ocuparam o Estado.

Obviamente, a França tinha o seu próprio contexto. Em questão de libertação nacional, sua condição era diferente, inclusive, considerando o caso da Argélia, que – de certa forma – ainda ardia como uma ferida aberta. Ao longo da história, muitos têm colocado o maio francês muito mais para uma onda de mudanças culturais, mas essa parece uma visão reducionista, pois neste momento havia toda uma questão da era gaullista que estava em jogo. A França passava por um aumento do desemprego e os estudantes estavam insatisfeitos com a maneira como estavam sendo encaminhadas as questões universitárias. Sem negar que havia também uma luta pela liberdade, contra o autoritarismo e pela autogestão, que era a grande bandeira francesa.

Mas esse “momento 68” na América Latina, principalmente no Brasil, se dá de maneira diferente. O “ano 68”, extrapola o calendário de maio. O Brasil de 1968 é um ano com uma pauta extremamente politizada, tendo em vista que vivia em plena ditadura. E o mais emblemático este ano de 1968 se encerra com o governo militar decretando o AI-5 (Ato Institucional número 5), ou seja, institucionalizando a censura, determinando o fim do habeas corpus, provocando uma modificação das ideias de resistência que até então vinha se pensando e articulando. No Brasil, o maio de 68 não acontece em maio, o maio brasileiro acontece em março. A ditadura que vinha desde 1964 havia colocado o

movimento estudantil organizado na ilegalidade. A partir daí, desde 1967, os estudantes se posicionam como uma resistência ao governo militar, mas é em março de 1968 que, com a morte de um estudante secundarista, Edson Luís, pela polícia, no restaurante Calabouço, no Rio, começam as grandes manifestações do 1968 brasileiro.

No movimento estudantil no Brasil, não estavam necessariamente na pauta, na agenda cultural, as questões do feminismo, da ecologia e dos novos movimentos sociais, basta observar como se organizaram alguns grupos guerrilheiros, machistas e homofóbicos que comandaram os movimentos até o início dos anos 1970, quando entram em cena esses novos movimentos sociais e uma nova esquerda. Na verdade, eram tantas as questões que movimentos diversificados, na maioria das vezes, se alinhavam. Davam até a impressão de coesão e homogeneidade, mas assim que acabou a ditadura desapareceram. O que realmente os unia, era o inimigo em comum e não um pensamento.

No Brasil, ainda nos dias de hoje, conforme já havia me referido, o maio de 68, principalmente, o da França, é visto pela esquerda e seus simpatizantes como uma espécie de ato fundador da sociedade contemporânea e dessa forma habita nosso imaginário coletivo. Mas esse imaginário, na maioria das vezes, em lugar de um objeto de reflexão, não passa de uma vaga lembrança que se revela, para alguns como totem, para outros como tabu e, talvez, como uma mitológica *viagem* de uma geração de heróis, ou a proeza irresponsável de uma geração preocupada consigo mesma e, às vezes, indiferente para com o mundo, embora em muitos de seus motes tenha usado as questões do Vietnã, etc. Aqui, os nossos ‘heróis’ eram os jovens que deixaram os cabelos

e a imaginação crescerem. Também como os europeus, amavam os Beatles e os Rolling Stones.

Curiosamente, em relação ao maio de 1968, os Beatles foram para a Índia, preocupados com o que entendiam como um vazio espiritual, onde se encontraram com o guru Maharishi Maheshi Yogi. Depois, compuseram “Revolution” (Revolução), na qual constam os versos “Mas se você ficar carregando fotos do presidente Mao/ Você não vai convencer ninguém de jeito nenhum”.

Por outro lado e, talvez mais atentos aos movimentos da juventude e dos trabalhadores, os Rolling Stones compõem “Street Fighting Man” (Lutador Nas Ruas) e, não por acaso, na letra da música bradam “Ei, disseram que o meu nome é distúrbio/Eu gritarei e me esgoelarei, matarei o rei/e incomodarei todos os seus serventes”, embora confessem, talvez, de forma irônica, uma certa impotência quando noutros versos perguntam afirmando: “Mas o quê que um pobre rapaz pode fazer/ A não ser cantar em uma banda de rock/ Porque na cidade sonolenta de Londres/ Não há lugar para um lutador nas ruas!” Mas a juventude brasileira, mesmo amando os Beatles e os Rolling Stones, também protestavam ao som de Caetano Veloso, Chico Buarque, Geraldo Vandré e tantos outros.

No cinema, viam Glauber Rocha e Jean-Luc Godard. As almas desses jovens estavam incendiadas pela paixão revolucionária e, em função dela, não conseguiam perdoar a seus pais, tanto os reais quanto os ideológicos, por não terem conseguido evitar o golpe militar de 1964.

De certa forma, essa juventude que se acreditava política, acreditava que todas as questões deveriam passar pelo crivo

do político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento, etc. Nesse momento, embora o país se encontrasse em plena ditadura, desde o golpe de 1964, a criação cultural no Brasil estava em ebulição, mesmo enfrentando o autoritarismo da censura. Talvez, por esse mesmo motivo, com as artes dialogando entre si, o ambiente cultural vinha de anos férteis e criativos, possibilitando uma reflexão e uma conscientização política que alimentavam o desejo de transformação.

Das artes, a música tinha um lugar de destaque e estava mais forte do que nunca, considerando que vinha de um movimento forte, com artistas que, como uma resistência e conscientes do papel da arte na sociedade, até hoje são referências no cenário musical como uma identidade do país. Naquele momento, em 1967, um ano antes do fatídico 1968, a força dessa cultura era tão representativa que, numa mesma edição do Festival da Record, surgiram canções significativas como “Ponteio”, de Edu Lobo e Capinam; “Roda viva”, de Chico Buarque; “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil; “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso; “Eu e a brisa”, de Johnny Alf. Pode-se afirmar que vivíamos um solo fértil de criação. Assim, tanto dentro quanto fora dos festivais, em 1968, as canções de protesto ganhavam espaços e se multiplicavam, na medida em que os artistas e intelectuais, oprimidos pela censura, provocavam as autoridades.

Mas convém lembrar também que, tanto no teatro quanto no cinema, havia uma preocupação de uma estética inovadora. No cinema, sob influência do neorrealismo italiano e da Nouvelle Vague francesa e, em oposição ao cinema tradicional brasileiro de musicais, comédias e épicos ao estilo hollywoodiano, está no auge o

movimento do Cinema Novo se destacando pela sua ênfase na igualdade social, como uma espécie de resposta à instabilidade racial e classista no Brasil. Glauber Rocha é o cineasta mais conhecido desse movimento. No teatro protagonizavam os grupos do Teatro de Arena e o Teatro Opinião consolidando o revolucionário nas artes cênicas, principalmente na cena artística no Rio de Janeiro e São Paulo, na medida em que provocavam uma nova relação entre a obra e o espectador.

Na verdade, antes do já citado AI-5, considerado o mais duro golpe na democracia e que deu poderes quase absolutos ao regime militar, havia uma efervescência e uma espécie de alegria. O grande primeiro golpe aos estudantes foi em 1964, quando os militares fecharam a UNE – União Nacional dos Estudantes. Em 1968, o movimento estudantil parecia disposto e se sentindo com força para recuperar o espaço perdido. Embora, nesse tempo ainda não houvesse assumidamente uma postura política partidária, muitos artistas embarcaram nessa ideia e iam um pouco a reboque da juventude e também se sentindo com força para fazer cobrança ao governo militar. Apesar de não ser uma influência direta, os movimentos estudantis internacionais também deram suas contribuições, considerando que muitas das palavras de ordem lá de fora foram incorporadas aqui. De 1964 até 1968, mesmo sob o regime militar, era tudo muito festeiro, a barra não tinha pesado ainda nem para os movimentos estudantis nem para as artes. Tendo em vista o fato do governo decretar o AI-5, num certo sentido, a impressão mais forte que fica de 1968, no Brasil, não é a do começo de uma nova sociedade, mas a do fim de um processo.

De certa forma, parece impossível abarcar os inumeráveis movimentos estudantis, políticos e de rebelião pelos quais todos ou quase todos os países atravessavam neste momento. Havemos de considerar que cada povo e cada país tinham suas conjunturas e suas causas próprias, levando à eclosão de diversos movimentos, que foram e são, inclusive, encampados pela juventude, que – ao longo da história – sempre foi protagonista e motor das contestações e da possibilidade de colocar o mundo e seus valores em questão.

Assim, mesmo que para muitos é preciso crer que nossa história seja a história de maio de 68, convém entendermos que ela não passa de *uma* das possíveis histórias de um período rico demais para ser apreendido em uma só visão. E se, conforme Marx, a história é a história da luta de classes, maio de 68 não teria existido sem uma história que o antecedesse e, tampouco, seremos capazes de compreendê-lo hoje sem aquilo que aconteceu e acontece depois dele, analisado a partir da conjuntura e das condições materiais para que ele tivesse se realizado.

O acontecimento de “Maio de 68”, em especial, na França, não se trata de um romance de ficção, de um folhetim de capa-e-espada, mas se assemelha a uma espécie de romance sem ficção ou de uma romantização da realidade. O melhor do legado desse movimento não está no gesto em si – muitas vezes desesperado; em algumas outras, autoritário –, mas na paixão com que foi a juventude foi à luta, dando a impressão de que estava disposta a entregar a vida para não morrer de tédio, muito diferente da realidade de outros países, inclusive o Brasil, com problemas pontuais e objetivos como a ditadura militar. Poucos países – certamente nenhum depois da França –

lutaram tão radicalmente pelo projeto de sua utopia. A juventude francesa, experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais, existenciais, sonhando em aproximá-los todos, mesmo sem um projeto objetivo para sua realização.

Simultaneamente aos acontecimentos entendidos como questões políticas e sociais, o ano de 1968 também pode ser considerado o marco na moda do mundo, tendo em vista que foi uma época de rebeldia, de certa forma, contra as tradições e propostas da geração anterior. Assim, estilistas atentos estavam para servir a todos os gostos. Na França, Yves Saint-Laurent, por exemplo, começou a produzir inspirado na maneira de vestir dos estudantes da Sorbonne, dos motoqueiros da juventude Rive Gauche. Não ficaram para trás as Maisons Dior, Pierre Cardin, Courrèges, Paco Rabanne e tantos outros. De alguma maneira, para além dos confrontos estudantis e operários também havia uma disputa entre a juventude do lado chique e rico da cidade com os alunos da Sorbonne e arredores de onde surgiam as grandes manifestações. Muitas jovens se inspiravam na manequim e atriz alemã Verushka, assim como na modelo, atriz e cantora britânica Twiggy, além de Mary Quant lançando a minissaia. Ainda havia aqueles que amavam os Beatles e vestiam terninho no estilo *mod*, típico dos dândis da classe média londrina.

Sem ceder à nostalgia, qual o legado e a vigência na atualidade desse movimento político e social que partiu das universidades e chegou ao operariado? São muitas as questões e mais ainda as tentativas de respondê-las. Primeiramente, conforme registros históricos, 1968 foi um ano de explosão

de criatividade que mudou definitivamente a maneira de ver o mundo, pelo menos é o que nos faz acreditar os registros históricos e a publicidade. Acredita-se que aquela geração de maio de 1968, num lance de utopia, foi capaz de conduzir uma transformação muito importante, na medida em que rompeu com as tradições, provocou uma quebra geracional e isolou os focos do autoritarismo, inclusive no Brasil. Faz-se interessante como as obras dos pensadores alemães Wilhelm Reich (*A função do orgasmo*), Max Horkheimer e Theodor Adorno (*Dialética do esclarecimento*) e Herbert Marcuse (*Eros e civilização* e *Ideologia da civilização industrial*) se fizeram presentes nesses movimentos em quase todos os países onde o maio de 1968 tem relevância. Mas o mais incrível é que quase também não se tem notícia de que tenha se constituído qualquer nova mudança teórica, ou seja, parece que a geração de maio de 1968 queria liquidar o passado, mas sem uma proposta de construir o futuro. De alguma maneira, se dissimulou uma rebelião contra tudo e a favor do desejo. Uma rebelião sem outra causa para além do exercício do eu, da liberdade. Não da liberdade no conceito clássico, mas, sim, da liberdade para o indivíduo, bem ao gosto da versão mais pura do *laissez-faire* da ideologia capitalista: “É proibido proibir”. Como um fato da ordem política, a libertação do corpo aparece no movimento na França e a partir daí se formou uma série de pensadores atirando cada um para um lado.

Na verdade, a juventude queria e precisava ser ouvida. Os partidos políticos tinham e ainda têm uma hierarquia organizada e verticalizada e sem abertura para discussão. O grafite “Basta de ações, queremos palavras”, de

alguma forma, pode ser um pedido de socorro, como se dissessem: “queremos conversar, não obedecer”. Talvez, como uma alternativa para escapar de um tipo de dirigismo tanto da direita quanto da esquerda, tenha sido, entre outras coisas, o motivo pelo qual o movimento na França não se organizou com uma condução, o que fazia que a cada dia tivesse que se inventar. Sem partido e sem lideranças, de forma anárquica e orgânica, o movimento se conduziu na improvisação, dando lugar ao acaso, onde, mesmo agindo no coletivo, as decisões eram individuais. E nessa onda de lutar contra o autoritarismo, as universidades eram vistas da mesma forma, pelo menos, aos que tinha acesso às mesmas, inclusive, as palavras de ordem eram: “Se o saber é poder, somos contra.” “Vamos destruir Nanterre, invadir a Sorbonne e destruir Vincennes.” “Vamos destruir os mestres que têm o poder.” Numa análise de conjuntura, principalmente hoje, são afirmações entendidas como reacionárias, considerando que, de acordo até mesmo com os franceses, o iluminismo, entendido como muda o mundo, ou seja, tratava-se de uma atitude conservadora. Havemos de levar em conta que o iluminismo, de acordo com os próprios franceses, para além de legitimidade e defesa de ideais como liberdade, progresso, tolerância, fraternidade, governo constitucional e separação Igreja-Estado, também consistia numa série de ideias centradas na razão (processo de conhecimento) como a principal fonte de autoridade.

Conforme o jornalista e escritor Ivan Lessa, “de 15 em 15 anos, esquecemos os últimos 15 anos”. Obviamente, ele falava sobre o Brasil, mas não se pode afirmar até que ponto esse comportamento não se aplique ao nosso modelo de sociedade atual, tendo em vista que vivemos um mundo que

globalizou a mediocridade. Assim, pensando em maio de 1968, podemos dizer que houve recuos. Entendendo que a juventude, de um modo geral, recuou em muito da ideia de liberdade. Tanto em relação ao valor do desejo e da subjetividade quanto do poder da cultura e da vida alternativa, sem ser regulada pelo mercado. Na medida em que avançou o individualismo, perdemos a individualidade, ou seja, entendendo o indivíduo como a menor parte do coletivo, o culto ao indivíduo é a negação do indivíduo. É a negação do todo em detrimento do eu particular que não tem pertencimento, não tem identidade. É um discurso de pseudo-autonomia que praticamente impossibilita o pensamento, a visão crítica do ser no mundo. Atualmente, salvo raríssimas exceções e, independente de quaisquer dados da estatística, parece que a maioria dos jovens está completamente refém da lógica do sistema. A cada dia, na passagem de geração para geração tem se abandonado a postura idealista que havia. Depois de 1968, caiu por terra a ideia da imaginação no poder e, enfim, deram adeus às utopias. A esquerda vai mal e a direita ocupa cada vez mais espaços na sociedade, considerando que mesmo sem se assumir que ela está a serviço da classe dominante, detém todos os meios de comunicação, controla as igrejas, os clubes e tudo aquilo que Karl Marx definiu como a superestrutura do sistema, esse ser invisível que constrói o imaginário do povo para garantir a estrutura da sociedade, a economia. Tarefa hercúlea será a da esquerda em tentar produzir um novo pensamento e estabelecer que grau de utopia nós precisamos para que o mundo seja mais que um picadeiro para os malabarismos dos capitalistas fazerem seus espetáculos. Novamente, parece que a ideia de que 1968 seja o

ano que não terminou se confunda com a sensação de que seja o ano que nem começou.

De acordo com Arthur Schopenhauer, “o presente é sempre insuficiente, o futuro incerto e o passado irreversível”. Mas, independente da certeza da impossibilidade de revertermos o passado, o certo é que estamos sem utopias e a sociedade sucumbiu ao modelo capitalista, consumista e midiático. Atualmente, quem constrói a realidade e define os comportamentos é o poder instituído, a mídia a serviço dos dominantes, cerceando a possibilidade de alternativas. As ambições são medíocres. Tudo o que hoje a maioria dos jovens aspiram é justamente aquilo que era a frustração dos jovens de 68, tanto aqui, quanto na Europa e nos Estados Unidos. Naquele momento, apesar de todos os equívocos, os jovens franceses queriam poetizar a vida e abrir espaços para a felicidade de todos. Nisso podemos entender a grande utopia de 1968.

O que nos resta no momento atual como herança do maio de 1968? De acordo com Alain Krivine, jornalista, militante trotskista e um dos líderes do maio francês, que hoje é um crítico severo e amargo dos acontecimentos de 1968:

“Concretamente, não sobrou quase nada. Queríamos mudar a vida, mas não queríamos tomar o poder. Do ponto de vista político, nada sobrou. A prova é a volta da direita ao poder. Agora a extrema direita é fascista. Na universidade houve uma democratização. Em 68 existiam 600 mil universitários. Hoje são mais de 3 milhões.” (ZAPPA e SOTO, 2008)

Não se pode afirmar que do ponto de vista dos costumes, do comportamento e da cultura, o maio de 1968 não tenha deixado uma herança. 1968, em

especial, Maio, foi um ano que contribuiu para colocar em questão o lado conservador das sociedades, principalmente a francesa. A partir daquele momento, muitas das escolas deixaram de ser exclusivamente de homens ou de mulheres e, inclusive, as universitárias passam a tomar pílula e/ou usar camisinha. Também foi em 1968 que surgiram movimentos sociais como os feministas, da defesa ecológica, etc. De certa forma, pelo menos na França, 1968 é o início da decadência da esquerda tradicional, tendo em vista que, nessa época, ela foi colocada em questão pela primeira vez, embora já tenha tido uma polêmica com os surrealistas na década de 20. Definitivamente, em 1968, o Partido Comunista, na França, perdeu sua popularidade e, ao longo dos anos, foi cada vez mais perdendo espaço. Apesar de toda essa rebeldia, a juventude de hoje teria muito mais motivo e razão para se revoltar, considerando que as condições de vida são mais duras, principalmente com o desemprego crescendo, especialmente entre os jovens, os problemas ambientais sérios, o racismo e a segurança nacional ameaçada.

Numa análise mais minuciosa, são muito poucas as semelhanças entre os jovens de hoje e os de 1968. A maioria dos de hoje é praticamente analfabeta política e não sabe distinguir o que é direita e esquerda e acha que é a mesma coisa. Assim, se mobilizam mais por ideais particulares. Por outras preocupações particulares, a falta de empregos e a barbárie do mundo lhes dão medo de sair de casa.

Retomando o maio de 1968 na França, faz-se necessário entender como se deu a seu desfecho que, de certa maneira, pouco se tem refletido sobre o mesmo. De Gaulle, como uma tentativa de

“colocar ordem”, conclama um referendo sobre a reforma social e universitária. Mas a “ordem” não chegava e as manifestações continuaram, bem como os enfrentamentos com a polícia, as greves de estudantes e trabalhadores e, ainda, havia uma tendência de unificação e, obviamente, o fortalecimento desses movimentos. O dia 24 de maio, conhecido como uma nova “noite de barricadas”, terminou com uma morte e aproximadamente 500 feridos. Para complicar ainda mais, os camponeses se unem aos movimentos e invadem a cidade de Nantes com o lema: “Não ao regime capitalista, sim à revolução completa da cidade”.

Como estratégia para dividir e enfraquecer os movimentos dos estudantes, operários e camponeses, as centrais sindicais (CGT – Confédération générale du travail, CFDT – Confédération française démocratique du travail, FO – Force ouvrière, etc.) com o governo e os empresários fazem acordos que, aos 27 de maio, acabam se consolidar. Esses acordos são de um aumento salarial, redução de jornada de trabalho e outras pequenas concessões. Mas os trabalhadores das fábricas da Renault e Citroën, em assembleia, rechaçam os burocratas desses acordos. Por outro lado, diante disso e, apoiado pelas manifestações da direita bradando “Não ao comunismo”, bem como da imensa “maioria silenciosa”, De Gaulle recupera suas forças. Com violenta repressão policial, se prepara para uma intervenção militar, dissolve o parlamento, suspende o referendo sobre a reforma social e universitária e, por fim, adianta as eleições legislativas. Assim, consegue dar início à dispersão do movimento estudantil e à desmobilização dos operários. A esquerda e os comunistas recuaram e os centristas avançaram dando vitória a De

Gaulle no primeiro e segundo turnos, respectivamente, aos 23 e 30 de junho.

Enfim, parafraseando o Stéphane Mallarmé em seu poema “*Un coup de dés*”, traduzido em português como “Um lance de dados”, poderíamos afirmar que o maio de 1968 foi “Um lance de utopia”. Primeiramente, de acordo com a tradução de “coup”, que em francês pode-se entender como golpe ou jogada, no português como “lance” que, além de uma jogada também pode simbolizar a lança, elemento fático, poderíamos afirmar que, assim como, de acordo com o poeta francês “*Un coup de dés jamais n’abolira le hasard*” (Um lance de dados jamais abolirá o acaso), no maio de 1968, “Um lance de utopia jamais abolirá o real”. Em Mallarmé, o *hasard* (acaso), pode ser considerado como no latim *a casu*, sem causa, ou seja, como algo que surge ou acontece a esmo, sem motivo ou explicação aparente. Mas no caso do real, pode-se pensar naquilo que existe de fato, como uma existência física e palpável, mas também no seu caráter abstrato da ideia daquilo que se realiza. No que diz respeito à utopia (composição dos termos gregos “*ou*” (advérbio de negação), “*tópos*, ou” (lugar) e “*ía*” (qualidade, estado), entendemos o maio de 1968 como uma tentativa de construir um modelo de sociedade que não existia naquele momento. Vide o livro *Utopia*, de Thomas Morus, escrito em 1516. A partir dessas ideias, podemos pensar em maio de 1968, concluindo que “Um lance de utopia jamais abolirá o real”, considerando não só a impossibilidade de abolir o real, mas – também – a necessidade de incorporá-lo como elemento ativo em todo esse processo “revolucionário”. É dizer que os motivos norteadores da rebeldia implicavam na delimitação do campo de escolha, considerando – ainda – que o

leque de possibilidades é constituído pelas próprias necessidades da estrutura social, ou seja, uma opção pela liberdade de escolha, mas que é, ao mesmo tempo, refém das probabilidades oferecidas pelas condições materiais históricas, uma liberdade vigiada e sob controle, assim como o caroço que engendra a fruta.

Referências

CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio, CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CAMPOS, Augusto de. *Poesia da recusa*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SÉVILLIA, Jean. *Mai 68, ces trente jours qui ébranlèrent la France*. In: Le Figaro. Disponível em <http://plus.lefigaro.fr/page/jean-sevillia>. Acesso em 02.03.2018.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ZAPPA, Regina e SOTO, Ernesto. *1968 – Eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Recebido em 2018-04-30
Publicado em 2018-05-15